

STOLL, Mark R.

Inherit the Holy Mountain:
**Religion and the Rise of American
Environmentalism**

New York: Oxford University Press, 2015. 406p.

SANDRO DUTRA E SILVA

Pós-Graduação Stricto Sensu Territórios e Expressões Culturais no Cerrado

Universidade Estadual de Goiás

Campus Anápolis de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas

Anápolis, GO, 75.132-400, Brasil

sandrodutr@hotmail.com

Nos últimos anos temos sido surpreendidos com a vasta produção intelectual no campo da história ambiental. Uma evidência das preocupações historiográficas com o mundo natural, principalmente no escopo qualitativo dos debates e dos temas no qual emergem os questionamentos, cada vez mais múltiplos, sobre a relação entre a história e a natureza. Esse é o caso da importante obra *Inherit the Holy Mountain: religion and the rise of American Environmentalism*, do historiador norte-americano Mark Stoll.

O trabalho de Stoll reflete o exercício intelectual sobre o qual se dedicou, por quase três décadas, no exaustivo ofício de responder historicamente sobre o *background* protestante nas origens do movimento ambiental nos Estados Unidos. Dito isso, reforço a importância de um trabalho que deve ser entendido sobre duas premissas iniciais: (i) não se

Recebido: 30 jan. 2016 | Aprovado: 22 fev. 2016

<http://dx.doi.org/10.1590/0104-87752016000200012>

Varia Historia, Belo Horizonte, vol. 32, n. 59, p. 583-586, mai/ago 2016

trata de uma aventura historiográfica, mas o amadurecimento do tema a partir da experiência acadêmica de um historiador com grande trânsito no campo ambiental; (ii) o trabalho não utiliza da retórica e nem do proselitismo em seus argumentos, nem se presta à defesa engajada de uma tese contra premissas anteriormente apresentadas sobre a cultura judaico-cristã.

Não é esse o caminho de Mark Stoll ao tratar do tema. Destaco que as conexões entre a visão apreciativa da natureza e o *background* calvinista surgiram em pesquisa sobre o ativista ambiental John Muir. Essa percepção foi a motivação necessária para que ele investigasse a repetição desse modelo e as bases culturais que propiciavam uma representação do mundo natural a partir de distintos grupos religiosos nos Estados Unidos. Na década de 1990 publicava o seu primeiro trabalho sobre as origens protestantes do ambientalismo americano no livro *Protestantism, Capitalism, and nature in America*. As pesquisas se aprofundaram com a ampliação de correlações entre determinadas denominações protestantes e a ação de teólogos, ambientalistas, artistas plásticos, poetas, burocratas e políticos, dentre outros, resultando no primoroso trabalho que é *Inherit the Holy Mountain*.

A tese central deste livro é que as origens do ambientalismo norte-americano, presente nos movimentos de conservação da natureza, legislação ambiental e preservação da *Wilderness*, tiveram um *background* protestante, fundamentando-se, sobretudo, nos grupos calvinistas da Nova Inglaterra: os congressionais e os presbiterianos. Tomados como sujeitos históricos da expansão da ética conservacionista e do discurso de moralização da vida e ordem social puritana, essas comunidades foram analisadas a partir do *ethos* social, por meio de um conjunto rico e diverso de fontes na interpretação dos seguintes processos: a teologia da natureza nos discursos do próprio Calvino e nos sermões dos ministros calvinistas na Europa e Estados Unidos entre os séculos XVII a XIX; a estética artísticas e o profundo valor teológico dos pintores do *Connecticut Valley* que revelavam a paisagem e a moral social expressa no papel contemplativo e moralizante da natureza; os projetos urbanos e a relação entre os espaços sociais e a função moral dos bosques e

parques públicos; os hábitos de imersão na *Wilderness* como devoção protestante de contato com a natureza, vista como revelação divina a ser “lida” no *book of nature*; na criação de instituições científicas para o uso e conservação dos recursos naturais; a política de manejo agrícola, silvicultura e a instituição burocrática de normas e organizações voltadas para a conservação da natureza; o ativismo ambiental e os valores religiosos no hábitos dos seus agentes; a criação e ampliação de áreas protegidas, dentre outras.

Interessante o ponto de partida, centrado na ação social de personagens ligadas ao movimento ambientalista e com *background* calvinista, e que marcam toda a obra. Um exemplo é a obra de Thomas Cole, “The Oxbow”, exposta na exibição da *National Academy of Design* de Nova York em 1836, que evidencia o caminho erudito em relacionar estética, paisagem e *ethos* puritano no refinado trabalho da interpretação histórica. Stoll ressalta que os sujeitos por ele analisados tinham o coração na igreja de Hartford e a mente na universidade em Yale, o *mainstream* intelectual dos calvinistas. Mark Stoll aproxima a sua objetiva na interpretação do *ethos* sem cair nas armadilhas da delimitação que coletiviza e reduz o objeto. Esse é um dos grandes méritos da obra, sobretudo ao apresentar o *background* religioso a partir de personagens caras ao movimento conservacionista, e que muitos trabalhos biográficos simplesmente não perceberam esse *background* no jogo histórico do ativismo e da causa ambiental.

O autor faz uma análise consistente sobre a base epistemológica da “teologia da natureza”, fundamentando-se nos princípios do melhor aproveitamento dos recursos naturais na agricultura (*Improvement*) e na conservação das florestas, mananciais e outros bens naturais para as futuras gerações (*Stewardship*). *Improvement* e *Stewardship* são conceitos-chave da tradição calvinista e que o historiador se apropriou com maestria na interpretação da trajetória de diferentes personagens ligadas ao ativismo de proteção da natureza nos Estados Unidos como Pinchot, Marsh, Thoreau, Emerson, John Muir, Rachel Carson, Theodore Roosevelt, dentre outros.

Importante mencionar que a obra não se limita a abordar exclusivamente os calvinistas. Outras filiações religiosas como os Batistas,

Metodistas, Batistas afro-americanos, católicos e judeus também foram contemplados sob a ótica da atuação no movimento ambiental contemporâneo. A temática ambiental desses grupos, no entanto, não privilegia os preceitos conservacionistas, mas os direitos civis, alimentação orgânica, lutas sociais, dentre outras. A concepção transcendentalista e sua ética conservacionista também foi abordada. No entanto, ficou confusa as descrições do transcendentalismo e sua complexidade filosófica em meio ao debate protestante e às origens de Ralph Waldo Emerson.

Uma das contribuições mais originais é a rica abordagem da atuação dos presbiterianos na instituição de leis nacionais e de agências de conservação, parques e florestas durante a *Progressive Era* (1885-1921). A administração de quatro presidentes presbiterianos (Harrison, Cleveland, Theodore Roosevelt e Wilson) foi destacada na ampliação nacional da proteção à natureza. Aliando história política e história ambiental destaca a ampliação das áreas protegidas e a participação privilegiada de políticos, ambientalistas e burocratas nesse período.

Considero que *Inherit the Holy Mountain* traz um revigorante olhar historiográfico, que oferece um requintado aporte teórico-metodológico e pode ser considerada a *masterpiece* de um dos mais notáveis historiadores ambientais da América.